

TAMBORESE CORES

um breve olhar sobre o povo negro na pastoral afro



PASTORAL AFRO BRASILEIRA

CURSO DE EXTENSÃO

ONLINE - 2021



EXPEDIENTE

Este caderno foi produzido pelas/os participantes do CURSO DE EXTENSÃO PASTORAL AFRO-BRASILEIRA: COMO FAZER? Que teve por objetivo oportunizar espaço de formação teológico-pastoral de comunidades, movimentos, pastorais e pessoas interessadas em uma “Pastoral Afro-Brasileira” em vista do conhecimento da sua missão, amadurecimento e preparo para o agir nos diferentes setores da Igreja e sociedade.

COORDENAÇÃO

Faculdade Católica de Feira de Santana (BA)

Marcio Lopes (Prof.)

ITEPA Faculdades

Ari Antonio Reis (Pe.)

Pastoral Afro-Brasileira – CNBB

Guanair Silva (Pe.)

Marcos Santana (Prof.)

Vera Lucia Lopes (Profa.)

Zanoni Demettino Castro (Dom)

Assessoras/es

Ari Antônio (Pe.)

Felipe Freitas

Hernaldo Pinto (Dom)

Hildete Emanuele

José Cristiano (Pe.)

Lourdes de F. P. Possani

Marcos Santana (Pe.)

Pe. Lázaro Silva Muniz (Pe.)

Rosenilton Oliveira

Sandro Galazzi

Vera Lucia Lopes

Yara Alves

Zanoni Demettino Castro (Dom)

Julho de 2021

INTRODUÇÃO

Ninguém nasce odiando o outro
pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião.
Para odiar as pessoas, precisam aprender,
e se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar.
Nelson Mandela

Registrar as nossas memórias é marcar o nosso tempo na história. Escrever sobre a prática nos leva a pensar sobre ela no sentido de fazê-la melhor.

Vale dizer que se não registrarmos a nossa história, outros o farão, a partir de seus olhares, como sempre ocorreu desde que o ser humano passou a subordinar outros seres humanos de acordo com seus interesses. Neste caso, pessoas brancas que se sentiram no direito de subjugar outras pessoas pela cor de sua pele e pela sua etnia.

As raízes do racismo estrutural vêm de longe e se perpetuam até hoje, lembrando que a dominação de um povo sobre outro só ocorre se houver um trabalho conjunto entre os donos do poder: econômico, político e religioso. A relação de dominação x dominados perpetua-se porque o poder dominante a naturaliza e a repete tantas vezes que acaba por parecer ser verdade, inclusive para os dominados.

A Educação Popular propõe uma nova forma de educar para formar pessoas com um novo modo de pensar e de agir em relação às diferenças. Educar para a liberdade e para a emancipação dos sujeitos. Assim também a ação evangelizadora tem a missão de ser libertadora e profética.

A reflexão sobre o tema *Metodologia da atuação pastoral*, oferecida por este curso, tratou sobre os fundamentos metodológicos participativos, com o propósito de orientar para uma evangelização que dialoga dentro e fora dos espaços religiosos. Ou seja, uma metodologia que impulse ao protagonismo das pessoas negras para as relações de alteridade fraterna e solidária, focada nos princípios fundantes do Cristianismo.

A partir dos princípios e fundamentos da Metodologia da Educação Popular, como instrumental para a atuação na Pastoral Afro-brasileira, teve como proposta o registro de experiências pastorais, potencializando o processo de aprendizagem e de memória da pastoral afro-brasileira de cada participante do curso.

Como um dos elementos constitutivos da Metodologia da Educação Popular, o registro tem grande importância nos processos formativos e estes podem ocorrer de várias formas, de acordo com os objetivos a serem alcançados. Lembrando aqui que os registros bíblicos trazem também experiências em tempos cronológicos e espaços físicos geográficos, mostrando a diversidade de povos que buscavam fortalecer a relação pessoal e comunitária com o sagrado, com a transcendência, tendo o 2º Testamento a missão de propagar o cristianismo.

A Pastoral Afro Brasileira nasce com o propósito de conhecer os valores culturais e as tradições dos afro-brasileiros, em diálogo fraterno e respeitoso com eles, sendo um passo importante na missão evangelizadora da Igreja. (DAp, n.532)

O Papa Francisco, em sua encíclica “Fratelli Tutti” (03/10/2020), atualiza a Missão das Pastorais na Igreja, iluminando a Missão afro quando escreve ... “Ante as várias e atuais formas de eliminar ou ignorar os outros, possamos reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não pare nas palavras”. ...

Neste curso, optamos por registrar experiências de pessoas em seu cotidiano socioeclesial, a partir do olhar de quem as viveu e vive as alegrias e os desafios de ser negra/o e por ser participante da Pastoral Afro-brasileira.

Dado o tempo exíguo para escrever e sistematizar os relatos, não será possível fazer uma análise profunda dos textos, mas apenas algumas considerações sobre os aspectos relacionados ao tema do curso. Talvez em próximas oportunidades poderemos refletir sobre os mesmos entre nós, e/ou em nossos grupos de atuação.

As pessoas que enviaram seus relatos tiveram a escolha de escrever o nome verdadeiro (93,6%) ou fictício (6,4%) para preservar o anonimato da identidade.

A pergunta motivadora do relato foi a mesma para todos do grupo, com a diferenciação entre quem faz parte ou não da Pastoral Afro-brasileira.

1. Se faz parte da Pastoral Afro:

a) Relate uma experiência – boa e/ou ruim – vivida na sua Igreja ou comunidade, por ser negro/a e/ou da pastoral afro.

b) Comente sobre esta experiência

2. Se não faz parte da Pastoral Afro:

a) Relate algum evento que tenha presenciado – positivo e/ou negativo - em sua Igreja ou comunidade relacionado a alguém por ser negro/a e/ou da Pastoral Afro.

b) Comente sobre este evento

Entre as 49 pessoas que enviaram os relatos, 75,5% faz parte da Pastoral Afro e 24,5% não faz parte.

O texto foi organizado em duas partes: 1. Relatos das participantes que atenderam ao convite de escrever; 2. Breve comentário acerca dos relatos e sua relação com o tema do curso.

Como muitos relatos falam de experiências positivas e negativas ao mesmo tempo, estes foram organizados sequencialmente, sem nenhuma divisão entre eles. Algumas pessoas responderam que não havia nada a comentar (4 pessoas) e outras que não têm ainda inserção na PAB ou que participam esporadicamente, em eventos. Houve também manifestação e desejo de se inserir na PAB.

A proposta é que o debate seja ampliado a partir dos relatos e reflexões presentes neste caderno. Sigamos em frente, lutando até que tambores e cores rimem apenas com amores e flores e não com dores!

Julho de 2021

*Lurdinha Paschoaletto e Vera Lucia Lopes
(organizadoras)*

I. A VOZ DAS PESSOAS QUE PASSARAM PELO CURSO

1. Uma história que se repete

a) Silencio por medo

Minha cidade, fica numa região rodeada de fazendas cafeeiras, onde os negros sempre trabalharam, antes como escravos e depois como empregados. Sempre como subalternos e subservientes. Talvez, por isso, nossa população negra tenha tanta dificuldade de se posicionar e de se organizar. Provavelmente por um inconsciente medo de “apanhar dos coronéis”.

Eu mesma, até pouco tempo, havia perdido minha identidade. Os brancos me branquearam pelo que meus pais (com muito sacrifício) me proporcionaram ter: formação profissional e frequentar lugares onde, muitas vezes, eu era a única negra além dos empregados. Por isso, muitos negros, inclusive familiares, viraram as costas porque eu “andava” só com brancos e ricos (mesmo que não o fossem).

b) A PAB na paróquia como algo novo

Em nossa paróquia existe uma boa porcentagem de negros participando das celebrações, das pastorais, movimentos e associações. Porém a PAB é algo novo aqui, trazida pelo nosso pároco negro (acho importante essa informação, pois antes não tínhamos conhecimento da PAB), que assumiu no início de 2020, junto com as restrições da pandemia.

A primeira e única ação coletiva que realizamos até então foi o tríduo para a comemoração do dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra. Com essa ação um grupo de whatsapp foi formado para facilitar a organização. Já no ano de 2021, veio a sugestão do pároco sobre participar do curso oferecido por vocês, no qual me matriculei, repasso pelo grupo de whatsapp, aos demais participantes, os textos e bibliografia.

Angustiada e preocupada com efetivas ações que precisam ser concretizadas, conversamos com o pároco, pois ele acredita na integração entre a PAB e as demais forças vivas da sociedade. Foi sugerido e realizado um encontro na última semana com o presidente da câmara, onde tivemos um diálogo muito proveitoso que será repassado ao grupo para que outras ações sejam pensadas para o segundo semestre.

Participando do curso, conheci duas lideranças da Comissão Diocesana da Pastoral Afro-Brasileira da Diocese da qual fazemos parte, fizeram o convite para que me juntasse a eles; realizamos reuniões virtuais, mensais e algumas lives com temas voltados à comunidade negra da região.

2. O desafio de ser negra/a na Pastoral

Ser negra em minha comunidade é desafiador e agora, como Pastoral Afro Brasileira (PAB), ainda mais porque as pessoas não conhecem e julgam que não estamos a serviço da Igreja. Nesse sentido o desafio aqui em nossa Diocese de Bacabal (MA) é o de fazer conhecer a PAB.

3. Não quebrem nossos tambores

Preparando uma celebração/missa afro, os instrumentos musicais foram emprestados de um terreiro. Ao final, quando fomos guardar os instrumentos, houve alguém branco (leigo) que queria cortar/quebrá-los, por considerar instrumentos do demônio.

Neste dia, eu senti o peso do racismo com relação a participação do negro nas celebrações. Desde então aumentou em mim o desejo de ir trabalhando essas questões junto ao povo, e assim o fiz e venho fazendo. Na escola, em celebrações (momentos de ação de graça), catequese, nos pequenos grupos, intercalando entre crianças e jovens e adultos. Nas comunidades ribeirinhas, afim de que as pessoas possam ir se conscientizando, ir desconstruindo essas imagens negativas do negro e de tudo relativo ao mesmo.

Ao longo do tempo, conseguimos ir adquirindo nossos próprios instrumentos musicais afro, e hoje possuímos e utilizamos eles.

4. Veto à Mariama

São várias as situações, mas uma em especial, foi na despedida da Irmã Monique que foi EVANGELIZAR na África. Foi pedido à diocese de São Miguel Paulista para fazer essa homenagem de despedida e preparamos um ato inculturado, com a entrada de Nossa Senhora Mariama e um canto de despedida.

Na missa tinha políticos, inclusive o ex-governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, e o bispo pediu pra cortar o cântico, mas continuamos a cantar mesmo assim. O cântico era mais ou menos assim (refrão): VAI IRMÃ MONIQUE EVANGELIZAR TODO POVO NEGRO AGRADECERÁ. Como sempre a comunidade se espantou com nosso jeito afro de se vestir e celebrar – e olhe que nem tinha tambores!

5. Consciência Negra nas parcerias

Como boas experiências relato as parcerias que, através da Pastoral Afro e da minha ação docente nas escolas que trabalho, já realizamos seminários sobre a temática da Consciência Negra abertas para a Comunidade de Conservatória e em Valença.

Como experiências negativas, a falta de abertura de muitas pessoas com relação às missas inculturadas e o fato de algumas pessoas julgarem desnecessárias as atividades da PAB.

6. Meu turbante: “minha coroa”

Vou poucas vezes na igreja nossa Senhora do Carmo, em Itaquera, mas o padre Paulo Sérgio Bezerra sabe que sou da comunidade do Rosario dos homens pretos da Penha SP.

Gosto de usar turbante e é inacreditável como as pessoas se incomodam, principalmente no momento que peço a benção ao padre.

No batizado de um dos meus netos eu estava de turbante e recebi olhares de discriminação. Eu já nem ligo para isso, mas as “pernas de fora no altar”, que é desrespeitoso ao sagrado, as famílias não questionam.

7. Evangelizar com recorte racial

A experiência boa foi ter sido escolhida pelo atual Bispo para coordenar a Pastoral Afro na Diocese de Xingu Altamira - Pará. Antes nunca tinha se falado sobre a Pastoral Afro naquele lugar. A partir daí eu comecei a ser vista de forma diferente.

Mesmo que eu saiba que ocorreu muito ciúme, procuro sempre me empoderar em tudo que faço. Hoje o bispo pediu para implantar a pastoral afro em todas as Paróquias onde o Padre aceitar.

Por minha alegria até agora só uma paróquia não aceitou por que o Padre está chegando agora. Existem muitos desafios para evangelizar a partir do recorte Racial. Eu participo da pastoral afro desde de sua criação.

8. Macumba, até quando?

Em minha paróquia, por pertencer a pastoral afro, já vivi tanto a experiência boa quanto a ruim.

A boa é que aos poucos conseguimos mostrar a realidade da população negra e de falar abertamente sobre a discriminação e o racismo.

A ruim é que existe muitas pessoas que não aceitam a missa inculturada, dizendo que é macumba, que não tem nada a ver com a liturgia.

9. Missa dos excluídos?

A única experiência que eu tenho para relatar foi a de uma missa onde o bispo celebra, na catedral. Chamada, por incrível que pareça, de Missa dos excluídos.

Em relação a um evento positivo, de emancipação, de valorização e respeito a comunidade Afro. Eu nunca participei!

10. Subindo a favela

Dia das Crianças, um grupo de senhoras da paróquia resolveram subir até a favela. Chegando lá, onde 100% das crianças eram negras, elas perderam um brinquedo e falaram que havia sido roubado. Tudo isso na favela!!!

11. Veto ao canto e à vida religiosa

Eu mesma já fui vetada de estar exercendo atividades por ser negra, como por exemplo é que eu gosto de cantar, mas a minha presença no evento é vetada. Isso já aconteceu diversas vezes.

Moro em uma comunidade pequena, e na década de 80/90 não tínhamos padre permanente. Porém tínhamos uma congregação de irmãs que acompanhavam os trabalhos da paróquia.

Elas eram prestativas algumas brasileiras outras italianas, todas brancas e, apesar do meu engajamento nos trabalhos e de me mostrar interessada na vida religiosa, não me sentia acolhida pela congregação nesse sentido.

Desisti do objetivo quando uma paroquiana, também negra, em uma experiência na congregação, relatou experiências preconceituosas sofridas, levando-a a desistência da vida religiosa

12. Só existe a raça humana...

Relato uma triste experiência: Todos os anos celebrávamos o dia 20 de novembro, sempre às 19h, numa Paróquia mais progressista.

De lá saíram teólogas muito comprometidas com vida do povo e com a formação dos leigos. Porém mudanças aconteceram e um padre negro tornou-se Pároco... Que decepção!!!

Mas não abrimos mão da nossa celebração do dia 20 de novembro. Um leigo muito atuante foi presidir a celebração para nós. Enquanto preparávamos o ambiente, o padre, muito irado, falou em alto e em bom tom, apontando para nossos tecidos, peneiras etc.: "Fulano, não coloque essas coisas aí, no meu altar!!!!" (🙄🙄🙄🙄)

Não desistimos, realizamos a celebração dando graças ao Senhor que nos protege. Continuamos celebrando sem desistir da luta.

Passados alguns anos, chegou um novo Bispo que ficou pouco tempo, mas reconheceu a Pastoral Afro, e convidou a Pastoral Afro Diocesana para participar da Missa do encerramento do Ano da Misericórdia.

Missa Diocesana com participação de todo o Clero e povo de Deus presentes. Coitado! Foi muito xingado e criticado nas redes sociais e questionado inclusive por uma parte do clero. Infelizmente venceu o tempo e ele foi aposentado.

Chegou Bispo novo que não nos reconhece e não aceita a Pastoral Afro. Diz que "existe só a raça humana" ...

Aí ele justificou que não há necessidade de Pastoral Afro Brasileira...

13. Não fale do meu cabelo!

Uma experiência negativa: um certo dia em um encontro, uma pessoa olhou para uma amiga e disse é sua vez cabelo seco, “farofado”. Isso porque ela tinha o cabelo bem cacheado e com volume.

Mas apesar desse ataque, ela rebateu e disse que o cabelo, era lindo e foi com ele que nasceu e que nunca mais ele repetisse aquele ataque. E piadas como essas recebo muito, por conta do cabelo.

14. Macumbeiros e hereges

Foi numa paróquia de nossa regional, onde íamos animar a liturgia. No meio da missa um pequeno grupo gritava Heresia! Macumbeiros! Foi muito constrangedor, embora o padre procurou continuar calmo e continuar a celebração e nós, os fiéis, também.

Sinceramente nunca tinha visto esta falta de respeito e sacrilégio na nossa própria Igreja. Tivemos também, nas redes sociais, comentários racistas e de falta de respeito, inclusive com o nome do Papa, dizendo que somos os “Anticristo”, os “Hereges”.

15. Seminarista preto

Trabalhei numa Paróquia em que via, com muita inquietação, que o pároco (que nem é branco) chamava um seminarista de preto após seu primeiro nome, e hoje ele tem um vigário preto na paróquia.

Não concordo com essa atitude, faço votos que ele mude esse comportamento, rezo para que tenha mudado, pois não estou mais naquele trabalho.

16. Isso não é para negros

Na verdade, a experiência que vivi foi quando ainda era criança. Convivia com uma família preta, e tudo o que as filhas e filhos pediam a mãe dizia que aquilo não era pra eles porque eram negros, era para as crianças brancas ou morenas, mas para os pretos não. Mais tarde percebi, o quanto isso poderia influenciar de forma negativa a auto estima de cada uma daquelas pessoas.

17. Como viver o diálogo inter-religioso?

A missa inculturada foi um dos grandes momentos que aconteceu na comunidade católica. No mês de maio é comemorado a libertação dos escravos. Em Santo Amaro é comemorado o 13 de maio. Acontece neste dia a entrega do presente a lemanjá e, durante a semana, a celebração.

Foi celebrada uma missa afro-brasileira - um momento riquíssimo. O que precisamos agora é criar laços fraternos para discutir todo este processo histórico entre o cristianismo na Igreja católica e as religiões de Matriz africana.

18. Cabelo black

Ainda não ocorreu uma negação na paróquia em que participo por ser negro. Acredito que talvez seja por estar em lugar de "destaque" e ter sociabilização com todos. Fui mestre de cerimônia por 5 anos e sempre fui querido por todos. Mas, já presenciei uma negatividade atribuída à outra pessoa por ser negro e por usar cabelo Black.

19. Catrevagem do Tomba

Vivo experiência numa Comunidade Quilombola. Moro em uma comunidade que foi reconhecida como quilombo urbano, um bairro pobre.

Ouvi repetidas vezes que um prefeito, anos atrás, dizia o seguinte quando ia beneficiar o povo: "Primeiro os da cabeceira, depois a catrevagem do Tomba". Tomba é o nome do bairro. Então a própria população sempre teve um olhar negativo para esta comunidade/bairro por ser o lugar de um povo negro.

Uma vez, em uma loja, uma senhora me elogiou bastante, não sabia que eu era do Tomba e fez um comentário preconceituoso porque no dia anterior houve uma tentativa de roubo. Ela disse: " Isso só sai da catrevagem do Tomba, esses negos vagabundos que não tem o que fazer". Na sequência chegou a filha dela que me cumprimentou e ela disse "você conhece essa menina? Tão inteligente, prestativa... A filha dela respondeu:" Sim, Manu canta na missa conhecida por tanta gente, mora no Tomba. A senhora rapidamente silenciou-se e se retirou.

20. Barrados para turismo

Em um determinado dia eu fui com um amigo padre visitar um local turístico na grande São Paulo. Nós dois somos negros. Nos apresentamos na recepção e eu fui autorizada a adentrar no local porque, embora sendo negra, uso hábito religioso e ele, como não estava trajando vestes clericais, foi impedido de entrar.

Conclusão, ele foi vítima de preconceito, como eu também me senti discriminada, isto nos indignou de tal forma que desistimos de fazer nossa visita cultural.

21. identidade indígena

Participo do Grupo de Pesquisa da Teologia e Negritude no ITEPA Faculdades, mas não sou negra; sou indígena pertencente à Etnia dos Pataxó Hã-Hã-Hãe.

Já sofri muitos preconceitos, muitos deles vividos na Escola e, muitas vezes, por parte dos próprios professores. Eles me consideram negra.

Outro preconceito vivido é porque tenho cabelos cacheados, muitos dizem que não sou indígena por causa dos cabelos, sinto como se me pedissem para provar quem eu sou. Como provar? O ser indígena vai além da pele, é algo mais profundo e que se configura com o meu jeito de ser, viver e sentir o mundo a minha volta.

Outro preconceito ainda é que quando falo que sou indígena as pessoas me olham diferente, perguntam sobre os meus pais, perguntam se eles usam roupas. A minha família vive na cidade e não em uma aldeia, meus pais nos educaram na cultura indígena. Entre nós nunca nos tratamos diferente, mas quando me comparava com os colegas da escola, percebia que eles eram diferentes.

Hoje sou religiosa, pertencente à Congregação das Irmãs Ursulinas Filhas de Maria Imaculada. Nesta comunidade de vida religiosa as irmãs me respeitam, me aceitam e também eu já me sinto com mais liberdade para lutar. Não pela igualdade, pois compreendo que é importante ser diferente, mas pelo respeito, acolhida e amor entre as outras culturas raciais, onde nenhuma se considere mais importante que outra, mas que todos sejam irmãos em Cristo Jesus.

Me identifico muito com as causas dos povos negros, procuro respeitar e aceitar a todos, independente de cor, raça ou etnia.

22. Príncipe negro

A boa experiência é que sou historiador e teólogo leigo, com especialização em liturgia. Participo da PAB Achiropita desde seus primeiros passos.

A experiência negativa ocorreu quando fui coordenador de liturgia e catequista de Crisma na N.S. dos Prazeres, na Parada Inglesa.

Tudo corria as mil-maravilhas, dentro de um espírito de cristandade auspicioso, até que uma catequista me disse que, jocosamente, estavam me chamando de Príncipe Negro e “dono” da Igreja. Pedi para ela identificar o autor, e ela de modo pouco cristão se negou.

23. Programa cultural na Igreja do Pelourinho Salvador (BA)

Nós temos um programa cultural. Antes da missa da bênção, às terças-feiras, temos palestras com pessoas da nossa comunidade. Nesses encontros falamos de tudo, com a participação da comunidade.

24. Mais Vida com a PAB

A minha experiência é muito boa. A pastoral afro-brasileira abriu meus horizontes, me deu mais VIDA. Na verdade, me lembro muito bem que quando começamos a fazer os convites nas missas para os nossos encontros e retiros, as pessoas se empolgavam e vinham participar. Diziam sempre: "Nossa! eu quero participar com você". Era muito gratificante tudo isso.

25. Empoderamento da PAB na vacinação contra o COVID-19

Uma luz começa a brilhar no horizonte da PAB, o reconhecimento perante a sociedade, assim que as vacinas chegaram no município, o coordenador da campanha de vacinação entrou em contato com a coordenação da PAB para participar das reuniões e na articulação das comunidades quilombolas. A pastoral acompanhou passo a passo e deu tudo certo e fizeram o registro.

26. Visão negativa da PAB

A experiência boa é que na comunidade onde eu faço pastoral, tem uma abertura razoável quanto à pastoral afro e isso pra mim é um sinal positivo.

Nesta comunidade ainda não ouvi alguém criticando a presença da pastoral afro, mesmo tendo a sensação de que a maioria participa das missas inculturadas como se fossem indo assistir a um show, e não para rezar da mesma forma como participam nas outras missas.

A experiência ruim é que sempre encontrei resistência em algumas paróquias, quando ia fazer convite aos jovens negros a participarem no encontro de jovens negros (isso antes da pandemia).

Nessa experiência a gente era quase expulso pelos párocos que falavam que essa pastoral não existia nessas paróquias. Isso deixa a gente sentir que a pastoral afro é vista negativamente em alguns lugares.

27. Assumir cabelos crespos, que não é cabelo ruim

Uma experiência boa foi conhecer a missão da PAB em 2016, a partir dos encontros e formações. Foi um passo marcante, pois consegui reconhecer a minha identidade, como por exemplo, deixar meus cabelos crespos voltarem a ser natural. Antes tinha vergonha dos meus cabelos, usava produtos químicos para alisar. Então hoje tenho um novo olhar, o que é ser negro, que temos a resistência de luta em defesa de nossos direitos.

É uma alegria imensa ter conhecido a PAB, foi uma motivação para o meu trabalho no campo social, acompanhado as comunidades tradicionais. Portanto devemos cultivar o que somos e de onde viemos, sem perder as nossas raízes.

28. Valorização da cultura

A minha experiência boa é a família que eu consegui construir dentro da Pastoral Afro-brasileira por causa dos elementos litúrgicos afros que são usados. Essa valorização do que é da cultura de um povo dá um significado indelével à liturgia.

A experiência ruim que passei é o preconceito que sinto muito forte nos hábitos religiosos. É uma pastoral que quem abraça é "excluído" no núcleo da elite da Igreja.

29. Pe. Toninho no início da PAB

No início da PAB, na Achiropita, na Região Sé da Arquidiocese de SP, com o Padre Toninho a primeira celebração nos idos de 1990, a comunidade não aceitou a celebração na igreja e ela foi feita no pátio. Após os leigos incensaram o ambiente e denunciaram o Pe. Toninho ao Bispo, que o chamou e ele explicou o que era a PAB. A partir daí, o Bispo aceitou e não o impediu de continuar celebrando.

30. Agenda distinta para celebrações organizadas pela PAB

Aqui na Diocese de Sto. André, na última celebração pelo Dia da Consciência Negra, que foi veiculada pelo facebook da Diocese, recebemos algumas mensagens criticando e falando mal sobre a celebração.

Não temos uma Igreja de apoio até o momento. Usamos o espaço para celebração apenas em horários diferentes da agenda paroquial, por conta dos membros ligados a outras Pastorais na Paróquia.

31. Lugar da PAB não é só na periferia

Há poucos dias, eu estava com o gesso no braço e, uma mulher da igreja, após eu relatar o ocorrido, me disse que pensou que era porque eu havia subido no muro para roubar graviola na casa dela.

Outra situação é a dificuldade pra se fazer algo na igreja matriz. Com isso, sutilmente querem que fiquemos isolados na comunidade periférica.

É importante valorizar a comunidade periférica, mas não quero que seja uma pastoral marginalizada e escondida.

Existem pessoas negras que me evitam por medo de eu chamar pra pastoral afro.

Acho negativo que informações referentes da pastoral afro sejam divulgadas em outros grupos e não no grupo das pastorais. Isso acaba por ser um negacionismo, mesmo que inconsciente.

O lado positivo é que o padre gosta muito e quer fazer aquelas missas que vem gente de vários lugares.

32. Parece que nada mudou

A experiência foi ruim, pois celebraríamos um missa com elementos afro em uma paróquia de minha cidade e nos foi negado a realização dentro da igreja.

Então penso que os avanços são bem pequenos. Parece que nada mudou...

33. Resistência e luta contínua

A experiência ruim foi quando estava na reunião de Liturgia em minha comunidade e uma das participantes disse ser contra a missa inculturada afro por parecer ser da "macumba", por causa do atabaque.

Muita ignorância, intolerância e discriminação. Lamentável. Infelizmente começa quando criança. Todos os anos nunca fui escolhida para coroar Nossa Senhora. Só quando cresci descobri o motivo. Graças a Deus e a muita luta está mudando.

A experiência boa é quando encontramos padres que nos apoiam em nossas atividades. E pessoas que mesmo não participando do grupo se interessam pelo nosso trabalho em comunidade e conscientizam do racismo que existe em nosso país. É muita resistência e luta. 🤝

34. Inquisição

Como agente da PASAFRO, no ano de 2018, fui chamado, a exemplo do ocorrido em Ribeirão Preto, a pedido do Pe. Ovídio, pároco da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, para reavivar e animar a PAB de Franca.

Durante o biênio de 2018/2019, construímos momentos de fé e vida através de rodas de conversa, com a participação nunca inferior a 100 pessoas. Concluímos esta etapa, com missa no Rito Romano Inculturado, em Estilo Afro-brasileiro, no 20/11.

O rescaldo da celebração foi que o Pe. Ovídio foi chamado até a cúria e submetido, diante de Dom Paulo e mais seis padres, a um verdadeiro tribunal inquisitório, e a partir daí, foi proibido de preparar ou presidir celebrações inculturadas.

E mais, representaram contra ele junto ao núncio apostólico no Brasil. Dos autores deste absurdo, três deles são sacerdotes de pele preta.

35. A PAB não é aceita por todos

A experiência boa é participar nas missas inculturadas na comunidade, participar em lives informativas que organizamos.

O ruim é não ver a pastoral ser aceita, de verdade, por todos.

36. Constituindo a PAB

Ainda não constituímos a Pastoral Afro Brasileira em nenhuma paróquia / comunidade. Após fazer o primeiro contato com a PAB no CONGRESSO NACIONAL DE ENTIDADES NEGRAS, em 2019, passamos a buscar mais pessoas para a formação da PAB na paróquia/diocese.

Esta é a proposta da PAB Regional Sul-1, com posterior formatação de um grupo mínimo, estabelecê-lo na paróquia e, em seguida, apresentar ao Bispo Diocesano.

37. Desafio de formar e informar sobre a PAB

Uma vez em que estávamos preparando a celebração inculturada, percebi que algumas pessoas estavam saindo da igreja bem contrariadas dizendo que não iriam permanecer na celebração porque era macumba.

Me gerou grande tristeza/decepção por ver que muitas daquelas pessoas não tinham conhecimento a respeito, o que tornou um desafio para eu buscar conhecimento para poder informar e formar.

A tristeza maior era ver que as pessoas que saíam da igreja virando a cara pra mim, eram as mesmas que em celebrações rotineiras me sorriam e, chegavam até me abraçar.

38. PAB como suporte na educação religiosa

A experiência boa foi ter a PAB como suporte na educação religiosa de meus filhos. A PAB foi determinante na conduta religiosa e espiritual deles. O ruim é perceber a rejeição dos paroquianos até mesmo negros, fruto do racismo estrutural vigente.

39. Desafio de ser negrx nos espaços eclesiais

Ser negro ou negra ainda hoje é um grande desafio. Este fato aconteceu no encontro diocesano, onde eu pensava que seria bem diferente o relacionamento em relação aos negros, mas muito pelo contrário, fui surpreendida pela atitude preconceituosa de um padre que, no momento em que a pessoa chamada para receber o presente (era a celebração da festa natalina onde estavam reunidas quase cem pessoas), quando ele a viu chamou pela diferença do cabelo porque pensam que cabelo de negro é feio e ruim. Esta pessoa foi corajosa e deu a resposta exata com muita elegância falando da beleza negra.

40. Racismo transcende a ação individual

As dificuldades, dentro da Instituição Igreja, em minha concepção, não se dão em âmbito individual. Não somos discriminados ou sofremos preconceito como uma ação individual; o grande problema é o racismo, quando transcende a ação individual e torna-se coletiva.

Por participar da Pastoral Afro sou apontada, porque defendo todo esse grupo. Um exemplo: em entrevista a um mestre da Folia de Reis tive o relato de que eles não podiam entrar na igreja para rezar enquanto grupo, fizeram isso numa missa de Natal porque foram chamados pelo padre e a igreja na missa de Natal começou a esvaziar e o padre teve que parar a reza (apresentação) e explicar o que era a Folia de Reis e porque estavam ali. Ainda assim a igreja ficou vazia e nunca mais o padre os convidou para rezar com eles.

Eles relatam que somente são chamados a entrar na igreja enquanto Folia de Reis quando o "grupo do Afro" como eles dizem, os convidam. Então não são ações individuais ou pessoais que afetam, porque a igreja é um lugar onde não tratamos o racismo, por isso tais questões NUNCA são pauta, a não ser que seja tratado como ação coletiva que vá impactar na comunidade.

41. Superação do preconceito no programa de evangelização

Na comunidade, como experiência boa podemos citar a superação do preconceito e aceitação do tema religiões de matriz africana e trabalhos ecumênicos. Constar na relação dos temas da catequese, o tema sobre cultura africana e história da África, religiosidade africana e suas interferências na cultura brasileira e na religião. Como pároco, estudando e conscientizando os catequistas, os casais do ECC, para refletirem quanto ao tema. Foi bem preparado, acolhido e a partir daí muitos começaram a se interessar e viver o tema.

42. Negrxs como coadjuvantes

Cresci paroquiano da Paroquia Nossa Senhora Aparecida, no Bairro Jd. Proença, até 1999, ano que eu e minha esposa passamos a ser paroquianos da Catedral Metropolitana de Campinas - Paroquia Nossa Senhora da Conceição.

Atuando como Ministro da Eucaristia, Acolito do Arcebispo, membro do CPP e representante da forania. Em um certo domingo antes de iniciar a celebração o Cura da Catedral, me chamou para uma acolhedora conversa e me disse que era o primeiro negro a ocupar um lugar de liderança nesta comunidade.

Na verdade, até hoje não sei se isto é motivo de alegria ou tristeza, alegria por conquistar este espaço e ser reconhecido e respeitado ou tristeza pois até 1999 quantos fieis negrxs passaram por esta comunidade como coadjuvantes?

43. Missa inculturada considerada blasfêmia por grupos conservadores

A minha experiencia boa foi a aceitação da pastoral pelo pároco e padres da nossa comunidade.

Quanto a experiências ruins, tivemos várias situações que nos marcaram. No dia 20 de novembro de 2018, ao celebramos a missa na catedral metropolitana de Campinas, apareceu um grupo de jovens do Templário de Maria e começaram a gritar no meio da celebração que era uma blasfêmia a missa inculturada afro e que era um absurdo o que estava acontecendo na Catedral. Na hora da consagração da eucaristia, tentaram impedir que o padre continuasse com a liturgia eucarística e não quiseram receber a comunhão das mãos do padre e quando terminou a missa envolveram-se em uma discussão com o padre e nos xingavam de profanos e hereges.

Conseguiram descompensar os padres celebrantes e foi preciso levar ao conhecimento do bispo, que precisou fazer uma intervenção, chamando estes jovens para explicação do ocorrido. Sendo assim, na celebração de 20 de novembro de 2019 o próprio bispo celebrou. Foi mais uma entre outras experiências traumáticas.

44. Precisamos de uma evangelização antirracista

A falta de acolhimento das diversas pastorais em facebook /em relação a PAB. Há mais de 15 anos houve, na Paróquia, a Celebração no dia da Consciência Negra ou, em outras datas, com padres que apoiavam a PAB.

No ano passado com a mudança de pároco, a celebração foi cortada com o apoio do CPP - Conselho Paroquial de Pastoral. A PAB ficou sozinha no barco, houve somente manifestação favorável do representante da catequese, porém ao levar a seu grupo que estaria com a PAB na organização da celebração (sem canto específico, tecidos coloridos...), não houve a recepção pelos membros de sua pastoral.

Na missa, foi somente lido um documento referente o dia 20 de novembro. Sem qualquer canto para reforçar a comemoração daquela data. Ao final da missa, muitos paroquianos quiseram compreender o ocorrido, eis que se dispuseram sair de suas casas, em plena pandemia somente para dar o apoio à comemoração da data. Os líderes da paróquia mostraram sua verdadeira face racista em desfavor do povo preto!

45. Conhecendo o Continente africano pela PAB

A melhor experiência que tive na Pastoral Afro, foram sem dúvida, os encontros que tivemos com a Irmã Rosa onde ela nos falou sobre muitas experiências vividas na África. Seus costumes, suas alegrias e a importância que temos como Ser Humano perante toda a sociedade. Foi muito importante pra mim esses momentos!

46. PAB em construção

Estou na formação da Pastoral Afro e ainda vamos construir um grupo aqui na Baixada Santista. Somos um grupo de quatro pessoas, onde dois de nós participam do curso. Não temos conhecimento de ter a Pastoral Afro por aqui, mas posso dizer que a maioria dos cristãos que frequentam a igreja são brancos.

Por muitos anos que frequento a paróquia não vi uma pessoa negra participar da liturgia, mas há dois meses, quando cheguei para assistir à missa, tive a grata experiência de ter um padre negro na celebração. Foi uma linda celebração.

47. Revivendo tempos de criança

Participo da Comunidade da Igreja do Rosário da Penha, São Paulo, e a experiência que mais me toca é participar das celebrações mensais que acontecem no primeiro domingo de cada mês.

Meu filho caçula, o Pedro, foi quem me levou pela primeira vez numa celebração da Igreja do Rosário em 2017 e, desde então, venho participando, junto com outros membros da minha família.

As celebrações inculturadas e a forte presença do povo negro que participa da Comunidade da Igreja do Rosário, me transportam no tempo para as celebrações familiares que minha avó, mãe e tias, fundamentadas no catolicismo negro mineiro, realizavam no meu tempo de criança e que pude reviver agora.

48. Escola com projeto afro

Sou professora e na nossa escola tem um projeto afro, que se realiza a cada 2 anos. Os temas são diversos, envolvendo a temática. Conseguimos envolver todos os estudantes. A irmã Thelma já participou de alguns.

Já rendeu bons frutos. As meninas e meninos afro já aceitam seus cabelos. Dessa parceria estamos tentando se unir com a pastoral afro.

49. Para negras, leituras não, cestinho pedindo ofertas, sim

Na equipe litúrgica de uma paróquia, me apresentei para fazer leituras, pois estavam pedindo leitores e tinha a preparação para as leituras. Quando cheguei me deram o trabalho de passar o cestinho das ofertas, quando perguntei sobre as leituras disseram: “deve ser pessoas que sabem ler”.

Na época já estava no primeiro ano de faculdade. Não levei a mal, depois na insistência dos pedidos, voltei e falei que estava na faculdade e a coordenadora se desculpou e deu-me as preces para ler.

50. O maior desafio da PAB está em Celebrar com elementos da cultura afro

Vou relatar aqui os desafios que enfrentamos quando vamos fazer missas organizadas pela Pastoral Afro ou dos Congado nas igrejas de Ouro Preto.

A primeira observação feita pela Equipe de Liturgia é a de que não podemos fugir dos ritos da Liturgia do Dia. O que na prática significa nos cercar de fazer algo diferente do que comumente é feito.

No entanto, sempre seguimos o rito da missa. Então se faz necessário entender a temática do dia, mas sempre inserimos também uma questão negra.

O que fazemos de diferente é colocar coisas alusivas à nossa temática na entrada. No ofertório também, mas é como se o realizássemos em duas partes, na primeira ofertamos os frutos da terra e do trabalho do homem ou sobre a questão que está sendo debatida tipo “vida negras importam” no nosso formato e nosso ritmo. Na segunda, entram solenemente, água, hóstias e vinho. As músicas sempre respeitam o rito, apenas colocamos mais ou menos ritmo, algumas vezes com tambores ou atabaques. Também propomos vestimentas que nos identifiquem, no caso do Congado com suas indumentárias, nós com camisas da Pastoral Afro ou vestimentas de Afro identificação. Quanto às músicas, algumas vezes utilizamos músicas dos Congados, na maioria, músicas dos movimentos pastorais, de agradecimento e louvor à vida e à luta; ou de lamento e crítica em relação as questões do povo negro. Como já disse, depende da temática que propomos.

Sempre aparecem pessoas dizendo que o que queremos fazer está fugindo ou desrespeitando a liturgia. Sempre argumentamos que o que fazemos combina com a cerimônia, com a temática e respeita a liturgia. E sempre dialogamos com o padre da paróquia e o responsável pela missa para que entendam tudo o que estamos propondo e fazendo.

Na prática, percebemos que sempre que há a possibilidade de sermos protagonistas, há também a presença da discriminação, do preconceito velado tentando nos intimidar. Mas a luta é constante e toda vez que vamos celebrar é esta dificuldade. Por outro lado, ao fazer, vamos vencendo barreiras e levando pessoas a entender a nossa causa.

51. PAB que oportuniza celebrar Cristo de diferentes maneiras

A Arquidiocese de Feira de Santana ainda está em processo de formação da Pastoral Afro-brasileira. Gostaria de relatar duas experiências vivências por mim, uma negativa e uma positiva.

A negativa marcou minha juventude, na época da minha crisma. O fato aconteceu na sede paroquial. Era um dia muito importante para mim e mais 59 crismandos de minha comunidade. Somando as demais comunidades da paróquia, tinha aproximadamente 300 crismandos. Pois bem, por sermos de uma comunidade rural chegamos cedo na sede paroquial. No entanto, quando a Igreja (templo) começou a ficar cheia, um grupo de senhoras brancas nos pediu para sairmos dos bancos, pois aqueles assentos eram reservados para elas, as brancas da paróquia.

Foi muito humilhante para nós, saímos, com a sensação de que nós pretos não éramos bem vindos na igreja. Só com o tempo que fomos compreendendo a situação do negro no Brasil e conseqüentemente, na igreja.

Acreditamos que a nossa Igreja particular (Feira de Santana) precisara de muitas formações, visando o acolhimento da pastoral afro-brasileira. Falo isso pelo histórico de negação das questões de o povo preto ser silenciado por muitas paróquias, mesmo o município sendo de maioria negra.

Porém na minha comunidade, vivenciei algumas experiências positivas. Foi quando a comunidade estava em processo de busca pela certificação junto à Fundação Cultural Palmares e a associação local buscou apoio junto à Igreja e o pároco foi sensível à situação, apoiando a associação nos vários momentos de formação e eventos culturais, intercambiando encontros com o Arcebispo na Comunidade.

Esses fatos contribuíram significativamente para descortinar muitas das visões errôneas que alguns membros da comunidade tinham em relação ao Ser quilombola, sobretudo o discurso presente em muitas linhas da Igreja de que Ser quilombola é Ser "Macumbeiro", ser anticristo.

Assim, os encontros formativos na comunidade, sobretudo as falas do nosso Arcebispo, foram de fundamental importância para desmistificar essa visão. Bem, posso relatar dois momentos importantes aqui:

O primeiro que para mim foi muito marcante foi quando eu conheci a Pastora Afro - a primeira vez em uma pequena celebração Pascal feita por eles. Com aquele linguajar e expressão tão diferentes para mim, naquele momento me chamou a atenção do verdadeiro sentido de partilha e comunhão.

Palavras como antepassados, ancestralidade não eram estranhos e falava biblicamente de ressurreição e de páscoa, ao seu modo. Desse dia pra cá sentia e sinto o desejo de estar mais perto dessa experiência.

O segundo momento, contraditoriamente, foi em uma missa campal na minha paróquia no dia 01 de janeiro e tinha uma africana que foi à missa com a sua forma de vestir (com aqueles vestidos longos e com turbante) e que chamou bastante a atenção. Quanto a ela estava muito tranquila e foi comungar de boa, mas ao redor chamava a atenção de todas as formas. Quanto a mim e uma amiga negra dizíamos sobre o desejo de um dia usar turbante publicamente e na missa sem que ninguém ficasse nos olhando.... tantas negras que estão em nossa paróquia que talvez nem se sintam tão à vontade por se sentirem negras ou que exista uma Pastoral que oportunize celebrar Cristo à sua maneira.... algo assim.

II. UM BREVE OLHAR SOBRE OS RELATOS

Em primeiro lugar, agradecemos por terem aceito o nosso convite em fazer esse registro como parte do curso de Extensão sobre a Pastoral Afro Brasileira (PAB).

A leitura de cada depoimento nos trouxe um misto de indignação, de alegrias e de esperanças. Assim trazemos alguns pontos para a reflexão sobre eles.

1. Indignação

Indignação pela situação constrangedora e até violenta pelas quais passam as pessoas negras em seu cotidiano social e religiosos.

Embora não apareça nos relatos a violência física, eles estão carregados de violência psicológica e moral que se expressa com palavras, com olhares e com gestos racistas de discriminação.

Mais triste ainda é ver que alguns relatos colocam a discriminação na voz de pessoas também negras – já embranquecidas e dominadas pelo sistema opressor – incluindo lideranças eclesiais como padres e religiosas.

As pessoas não negras trazem para o espaço eclesial o racismo que está dentro delas e que se manifestam em sua vida social, (de trabalho, de lazer e familiar). Os negrxs trazem as marcas da dor pela exclusão e pelas ações racistas e discriminatórias sofridas em seu cotidiano.

Segregação é uma palavra usada em um dos relatos e ouvir isso é assustador, depois de séculos após o fim oficial/legal da escravidão. Com as notícias sobre as Olimpíadas (Japão, 2021), aparecem relatos importantes nas mídias, como o da Daiane Santos, ginasta negra brasileira, que declarou numa entrevista¹ ter sido discriminada pela cor da pele e por ser pobre: “Na seleção, não queriam usar o mesmo banheiro que eu”. Mas ouvir relato sobre pedido de se retirar dos bancos da igreja, pois estavam marcados para elas (brancas), fere a nossa dignidade humana

¹ Veja mais em <https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/ultimas-noticias/2021/07/24/daiane-dos-santos-racismo-selecao-olimpica.htm>

como um todo e dificulta a nosso entendimento em relação a este tema, neste tempo da história.

Há ainda, nos relatos, a generosidade das pessoas em suavizar ou compreender as ações de discriminação e situações vexatórias pelas quais passaram ou ainda passam, entre pessoas que se dizem cristãs “seguidoras do evangelho”. E a história explica por que o fazem.

Também é motivo de indignação a relação de lideranças eclesiais em relação à Pastoral Afro Brasileira. Quantos se manifestam contra a PAB, estão dizendo que não querem ouvir as pessoas, não querem conhecer a história e o modo de expressarem a sua fé, a sua relação com o sagrado e o seu modo de viver a espiritualidade. Consideram-se donos dos saberes e dogmas cristãos e não conseguem ampliar o olhar para além do território da Igreja-templo que, não raro, chamam de “sua”.

O espaço eclesial, se baseado na força do Evangelho, seria o lugar de acolhimento e de abertura para aqueles que são excluídos em outros espaços. Vítimas do racismo estrutural, cada pessoa que sofre discriminação por ser negra, receberia, da Igreja, o amor incondicional pregado por Jesus, tornando a comunidade um lugar de bem viver, sem hierarquização de pessoas pela sua etnia, por sua cultura e pelo modo de expressar a relação com o sagrado e com a sua ancestralidade. Mas o racismo é reafirmado e legitimado pelas lideranças eclesiais, ou pelo menos por parte dela.

Vem daí a proposta de uma formação a partir da Lei 10.639/03 e 11.645/08, que exige o estudo da cultura afro-brasileira e sobre o continente africano e história dos povos indígenas no Brasil. Estas Leis indicam a urgência de se investir em formação para professorxs e aqui estamos indicando a necessidade e a urgência da formação nos seminários e nas casas religiosas.

E quando alguém fala que não precisa de uma pastoral afro, talvez tenha razão quando o diz. Não seria necessário criar uma pastoral afro-brasileira se houvesse, na Igreja, abertura, diálogo, amorosidade e compromisso com o evangelho de Jesus Cristo, se houvesse uma fé encarnada na vida. Não seria necessária se a Igreja, em sua estrutura, fosse inclusiva e as relações fossem igualitárias, se as diferentes pastorais dialogassem sem competição, mas sim numa proposta orgânica, a tal sonhada Pastoral de Conjunto.

2. Alegria e Esperança

Alegria ao ler os relatos sobre a PAB e o que ela representa para as pessoas negras e o que, certamente, traz de contribuição à Igreja como um todo.

Assim, a PAB vem para ocupar seu espaço na Igreja para dar voz às pessoas silenciadas. Chega de Anastácia/s! Chega de mordanças! As pessoas negras podem ser protagonistas de suas histórias.

A proposta do Concílio Vaticano II, sendo traduzido pelas 5 conferências episcopais Latino-americana e Caribenha indica que os/as excluídos/as e em situação de maior vulnerabilidade são os/as que mais precisam estar nas prioridades do cristianismo.

Os espaços negados às pessoas negras num modelo feito por não negros, precisam estar abertos e, com as pessoas negras, forjar caminhos para se fazer a pastoral de um jeito novo.

Neste tempo de leitura e partilha desses registros estamos vivendo um tempo de kairós, quando o Papa Francisco propõe uma 1ª Assembleia Eclesial Latino-Americana e Caribenha. Nesse evento, todxs os/as batizadxs, poderão participar da Escuta Sinodal e a Pastoral Afro é desafiada a dar sua contribuição.

Há relatos sobre a PAB, de pelo menos dois distintos olhares:

a) PAB enquanto impacto na vida das pessoas que dela fazem parte

Nesse aspecto, todos os relatos mostram a importância da PAB para as pessoas, tanto em relação à afirmação de sua identidade de povo negro, como tomada de posição diante das injustiças sofridas ao longo dos séculos, desde que foram escravizadxs.

E o que se aprendeu na PAB foi levado como compromisso e chegou na casa, na educação dos filhos, na procura de maior conhecimento sobre o tema, sobre a história de dominação do povo negro pelas pessoas não negras.

Se entendemos que a atuação da PAB tem seu eixo na transversalidade e todos os esforços devem estar em promover ações antirracistas intra e extra espaço religioso, cremos que o diálogo se faz urgente com todas instâncias e ações da Igreja.

A consciência da negritude e do lugar no mundo que lhes foi destinado, fez com que se tomasse decisões não só em relação à participação na Igreja, mas no seu modo de viver, assumindo o cabelo étnico, o turbante, as roupas coloridas, o toque dos tambores e todos elementos de sua ancestralidade.

A inclusão do atabaque nas celebrações é um grito de rebeldia. Não fora assim, em muitos lugares ainda não se teria o conhecimento da diversidade e do direito de expressar a alegria, a dor e a própria espiritualidade, sem censura por parte de quem (acha que) tem a hegemonia das liturgias.

Novas cores e novos ritmos trouxeram a explosão da alegria que bem deveria expressar o serviço de evangelização e de acolhimento ao povo.

Só vale o serviço feito com alegria e esperança e não se pode ficar preso a ritos feitos por pessoas em um determinado tempo histórico, que deixou muitas outras pessoas de fora dessas escolhas, sem espaços para escuta de falas diversas.

b) PAB enquanto expansão e organização nas paróquias e dioceses.

Muitos relatos mostram que a PAB está instalada na paróquia e na diocese, numa relação “orgânica”, com as demais pastorais. Outros trazem os desafios para a atuação na PAB e, entre eles percebemos alguns mais fortes e que merecem reflexão e um trabalho de formação sistemática.

Um dos principais desafios percebidos nos relatos é que a PAB depende da boa vontade de cada bispo e/ou de cada pároco para existir, como acontece com todas as pastorais, porém a resistência para a implantação da PAB está presente na maioria dos relatos, mostrando um racismo não declarado. Uma vez mais, fica na dependência de outrem a autorização, a possibilidade de crescimento da inserção na vida paroquial e diocesana. Outro grande desafio, especialmente para quem já venceu o primeiro, é o de sair dos muros paroquiais para a ação no mundo. Transformar a fé em ações em favor da liberdade e autonomia do povo negro para fazer as suas lutas e conseguir as suas vitórias.

Na PAB, a formação pastoral não está desassociada da formação política. Para mudar a forma de pensar das pessoas que frequentam as Igrejas, é preciso mudar a sua forma de ver o mundo e o seu lugar e papel dentro dele. A carta de Direitos Humanos e a própria legislação exige de nós um novo posicionamento frente às diferenças.

Lembramos também que o Evangelho que nos formou para a vivência cristã, exige de nós uma posição em favor dxs vulnerabilizadxs, dxs empobrecidxs, dxs excludxs socialmente. E no lugar onde estxs estão, certamente encontramos a maior parte do povo negro.

A partir da reflexão sobre a Metodologia da Educação Popular e da ação evangelizadora da PAB, temos a certeza de que a formação é urgente e necessária. Também se faz urgente e necessário assumirmos o compromisso de sair da área de conforto e participar das lutas em favor do povo negro.

Este curso trouxe contribuições teóricas e trouxe experiências fortes sobre a PAB. Reafirmamos aqui o compromisso e a necessidade de conhecer e compreender a realidade para atuar sobre ela na perspectiva de mudá-la. Nessa mesma linha, é necessário avaliar cada passo e, juntxs, CELEBRAR a vida.

Uma vez mais, agradecemos a todxs que, generosamente, deixaram seu relato para compartilhar com todxs.

“Que sejamos Artesões da Paz, e promotoras/es da equidade”

“Neste caminho, a luta pela justiça e pela cidadania plena são compromissos inalienáveis e tem uma sintonia profunda com a Ação Evangelizadora proposta por Jesus”.

(D. João Alves dos Santos, Ofmcap – nov. 2008)

“Chamados a sermos fiéis ao mandato evangelizador do mestre Jesus; tendo presente a vida concreta das pessoas em sua realidade pessoal e social; conscientes de que a maioria da população brasileira é afrodescendente e de que o seu cuidado e zelo é de responsabilidade de toda a Igreja, a pastoral afro-brasileira propõe a todo episcopado a retomada dos estudos 85 da CNBB sobre esse tema tão pertinente.”

(Dom Zanoni Domettino Castro – Estudos da CNBB nº 85)

